

XX Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo

Título da obra: Velha Infância

Pseudônimo do autor: Maya

Modalidade: crônica

Categoria: 02

Nasci em São Paulo, mais especificamente em uma cidade chamada Jaú. Quando conto isso para as pessoas, costumam me olhar surpresas, como se eu tivesse um terceiro olho na cara, costumam também pedir histórias, então, aqui vai uma. Meu relato se passa em minha cidade natal, mas se reflete aqui, na cidade da fábrica de cerração.

Morava em um condomínio de prédios, que para mim parecia mais com um parque de diversões, com muitas crianças para brincar, grama pra rolar, árvores para escalar e com um magnífico parquinho. Esse parquinho tem história. Foi nele onde tive minhas primeiras aventuras, cada impulso no balanço era como voar em um brilhante céu azul e até mesmo os descontentes joelhos ralados se animavam naquele pedacinho de céu. Foi nele também que conheci a Helena.

A Helena era uma menina que morava no mesmo condomínio que o meu e eu a admirava muito. Imagina só, eu, uma criança de quatro anos e ela, com suas dez primaveras completas, eu a via como uma inspiração e ela me via como uma pedra no sapato. Claro que não a julgo por isso, nem eu me aguentava, costumava persegui-la como cão e gato, mexia em suas bonecas Barbie, a imitava e a perturbava milhares de vezes. Minha obsessão por ela só cessou quando me mudei para Farroupilha, ou carinhosamente apelidada por mim como a cidade que chove pra cima.

Atualmente, moro na terra dos gaúchos e por ironia do destino ou carma (deixo a critério de você, querido leitor, para escolher a definição), me vejo na mesma situação que Helena. Tenho uma vizinha chamada Alice, ela tem nove anos e é fissurada por mim. Agora, ela mexe em minhas bonecas Barbie, pula em minha cama, implica com o meu cachorro, me persegue e me perturba milhares de vezes diariamente. Parece que estou pagando pelos meus pecados, hein? Mas brincadeiras e ironias a parte, também não a julgo. Sabe por quê? Porque em seus grandiosos olhos cor de chocolate, consigo me ver.

Toda vez que a olho, recordo-me de mim mesma e passeio pelo labirinto em minha mente que me conduz de volta para a velha infância. Com a figura da antiga eu a minha frente,

percebo o tesouro que perdi, a magnitude de ser criança. Então, ao invés de julgar Alice, a agradeço por despertar meu melhor lado, aquele que deixei enterrado no parquinho com sabor de céu.